

## O anjo pornográfico:

Religião e Prazer em Nelson Rodrigues<sup>1</sup>

*Élton de Oliveira Nunes*<sup>2</sup>

### Introdução

Este ensaio procurará analisar a obra de Nelson Rodrigues como um esforço de interpretação a partir do tema prazer e religião. Em que pese à hermenêutica do ser, envolvida no trabalho do cientista da religião, analisar Nelson é mergulhar em um universo mítico que traduz o mais profundo do ser em sua angústia de prazer/religião, vida/morte. Nisto está o ponto de intersecção entre Nelson e a religião: na celebração da vida que se morre, na celebração da morte que se vive.

Para entender a obra de Nelson Rodrigues investigamos as seguintes linhas: a formação religiosa de Nelson Rodrigues como campo de entendimento do pano de fundo de suas idéias. A criatividade literária como forma de expressão original e própria e o enquadramento teórico de sua obra dentro da linha filosófica e teatral como o modo de entendimento geral. Estas linhas nos levaram a adotar os princípios gerais da psicanálise de orientação freudiana como referencial teórico. Este caminho, já trilhado por outros (vide, Carmine

Martuscello, Maria Albuquerque, Valdeez Cardoso Gomes, Ronaldo Lima Lins, entre outros), nos proporcionou a compreensão geral e uma ferramenta hermenêutica para uma interpretação da obra de Nelson Rodrigues.

Na primeira parte, abordaremos de forma resumida os principais pontos biográficos de Nelson Rodrigues (Síntese da vida e obra de Nelson Rodrigues). Na segunda parte, trataremos do referencial teórico para abordagem do tema em Nelson Rodrigues (Por uma escolha referencial metodológica). Na terceira parte, apresentaremos uma leitura sobre prazer e religião em Nelson Rodrigues a partir do referencial teórico adotado (Prazer e religião em Nelson Rodrigues). Por fim, apresentamos nossas conclusões sobre o tema e as referências bibliográficas.

### Síntese da vida e obra de Nelson Rodrigues

Nelson Falcão Rodrigues nasceu no Recife, em 23 de agosto de 1912, o quinto filho de uma família de catorze. Quando tinha três anos, seu pai, Mário Rodrigues, foi tentar a sorte no Rio de Janeiro. O acordo feito com a esposa era que, tão logo encontrasse trabalho, chamaria a família ao seu encontro. Maria Esther, sua esposa, não agüentou esperar. Em 1916, empenhou as jóias e mandou um telegrama para o marido, já avisando do embarque naquele mesmo dia.

O primeiro endereço da Família Rodrigues no Rio de Janeiro foi a Rua Alegre, na Aldeia Campista. Durante esse período, Nelson começou a desenvolver sua apurada observação sobre o mundo e entrou em contato com o universo passionnal que seria tema de suas obras, como a lembrança do rapaz – que tomou veneno, em 1917, por ter brigado com sua namorada – e da imagem da mãe e da namorada do morto disputando o defunto em pleno velório.

No Rio, seu pai fundou o jornal “A Manhã”, no qual Nelson começou sua carreira jornalística. Em 1929, tendo perdido “A Ma-

<sup>1</sup> Ensaio apresentado em cumprimento às exigências do curso de Pós Graduação em Ciências da Religião, no Seminário Interdisciplinar, professores Drs. James Farris e Paulo Nogueira.

<sup>2</sup> É Mestre e doutorando em Ciências da Religião, na área de Práxis Religiosa, na Pós-Graduação da UMESP.

nhã”, Mário Rodrigues lança “Crítica”. O jornal será palco da primeira grande tragédia que irá acometer à família: o assassinato de Roberto. O fato ocorreu por conta de uma reportagem acusatória. “Crítica” ia publicar “as causas ocultas” do divórcio de uma mulher da sociedade. O motivo não alegado publicamente seria o adultério. Quando soube que a matéria sairia no jornal, Sylvia Seraphim foi até a redação para tomar satisfações. A moça entrou na redação do jornal, no dia 26 de dezembro, e perguntou: — *O Mário Rodrigues está?* — *Não!* Responderam. *É só com ele ou pode ser com o filho?* E assim, Roberto recebeu a moça e fechou a porta da sala. Foi o tempo para ela sacar o revólver de dentro da bolsa e atirar.

O assassinato de Roberto marcou profundamente a trajetória da família. Mário Rodrigues, inconformado por seu filho ter sido morto em seu lugar, passou a exagerar na bebida e, em pouco mais de dois meses, morreu. Passados poucos meses, “Crítica” foi fechada pela polícia, por ordens do governo, com a vitória de Getúlio Vargas, na Revolução de 30. Começou, assim, o período da fome. Até 1935, quando a situação começou a melhorar, os Rodrigues experimentaram a miséria. O saldo do período foi as duas tuberculoses de Nelson, que chegou a ser internado, e a morte de Joffre, aos 21 anos, também devido à tuberculose. Joffre era o irmão mais próximo de Nelson; ele dizia que era como se os dois fossem gêmeos.

A partir de 1936, ano da morte de Joffre, Nelson começou a colaborar com diversos veículos, como “Correio da Manhã”, “O Jornal”, “Última Hora”, “Jornal dos Sports”, “Manchete Esportiva” e “Jornal do Brasil”, entre outros. Escreverá crônicas, contos, correio sentimental, folhetins, comentário esportivo e artigos opinativos. O teatro surge em 1941, quando estréia “A Mulher Sem Pecado”. A grande aclamação de Nelson, contudo, será com a encenação de “Vestido de Noiva”, dirigida por Ziembinski, marco do teatro brasileiro moderno.

Com uma capacidade de trabalho invejável, Nelson ainda fez história na televisão brasileira. Participou de mesas-redondas; foi

pioneiro na teledramaturgia brasileira, ao escrever, para a TV Rio, a novela “A Morta Sem Espelho”. Enquanto esteve vivo, acompanhou a adaptação de sua obra para o cinema e chegou a colaborar com o roteiro de “A Dama do Lotação”, de Neville D’Almeida, “Bonitinha, mais ordinária” e “Álbum de Família”, de Braz Chediak. Escreveu, também, os diálogos para dois filmes: “Somos Dois”, de Milton Rodrigues, e “Como ganhar na loteria sem perder a esportiva”, de J. B. Tanko.

No final da vida, Nelson estava bastante debilitado e sofria muito. Depois de um aneurisma na aorta, foi operado três vezes. Seu estado era agravado pelo fato de nunca ter tido uma saúde equilibrada. Nelson Rodrigues morreu no dia 21 de dezembro de 1980. Deixou seis filhos: Joffre, Nelson, Maria Lucia, Paulo César, Sonia e Daniela.

A obra de Nelson Rodrigues é classificada dentro da linha filosófica e teatral denominada de expressionismo que se caracteriza por expressar fortes sentimentos e os conflitos deles resultantes. Como nos diz Elizabeth Luckesi (2001/p. 03):

O expressionismo é um movimento artístico que se caracteriza pela expressão de intensas emoções. As obras não têm preocupação com o padrão de beleza tradicional e exibem enfoque pessimista da vida, marcado pelos fortes sentimentos humanos. O prazer, a angústia, a dor, são os temas mais abordados.

Iniciado no fim do século XIX por artistas plásticos da Alemanha, o expressionismo alcança seu auge entre 1910 e 1920 e expande-se para a literatura, a música, o teatro e o cinema. Em função da I Guerra Mundial e das limitações impostas pela língua alemã, tem maior expressão entre os povos germânico, eslavo e nórdico. Após o fim da guerra, influencia a arte em outras partes do mundo. Muitos artistas estão ligados a grupos políticos de esquerda. Assim como a Revolução Russa (1917), as teorias psicanalíticas do austríaco Sigmund Freud, a evolução da ciência e a filosofia do alemão Friedrich Nietzsche, o expressionismo está inserido no ambiente

conturbado que marca a virada do século. No Brasil, o expressionismo marcou as artes no início do século XX e representa importante etapa das artes e da literatura.

A obra de Nelson Rodrigues revolucionou de tal forma a dramaturgia brasileira que podemos denominá-lo como um divisor de águas. Com suas técnicas inusitadas de corte de cenas e ritmos, o dramaturgo inaugurou o expressionismo no moderno teatro brasileiro. Suas obras podem ser divididas em três grupos temáticos:

- Obras psicológicas, em que se destacam os problemas do homem enquanto homem e enquanto membro de uma sociedade hipócrita que o criou e que é deformada por ele;
- Obras míticas, cujo enredo sempre gira em torno dos instintos humanos, da busca pelas raízes dessas ações e sentimentos;
- Tragédias, em que o mundo moderno aparece para ser desmascarado, com todo o seu egoísmo, mesquinhez e futilidade.

### Por uma escolha referencial metodológica

Como observamos, analisar Nelson Rodrigues é um esforço hermenêutico. Como proceder no entendimento de sua obra? Como avançar em relação ao tema proposto: religião e prazer? Fraga (1998/p. 14) já se debate com isso ao afirmar que:

Não fosse Nelson Rodrigues um dramaturgo naturalmente polêmico, os pontos de vista contraditórios sobre a sua obra se tornariam estranháveis. Caberia encontrar um denominador comum, que não se confunde com a unanimidade de apreço que hoje em dia lhe votam. Refiro-me à hermenêutica em si dos textos e seu correspondente juízo de valor. Nesse campo, as possíveis diferenças não se espantam.

Em nossa compreensão, para podermos apresentar uma possível interpretação sobre a obra de Nelson Rodrigues e sua perspectiva em relação à religião e ao prazer na obra rodriguiana é necessário *elencar* os pontos fundamentais que caracterizam sua vida. Quatro são os elementos que consideramos importantes: sua história de vida, sua criatividade dramática, sua opção pelo expressionismo e, principalmente, a formação cristã de infância. Estes elementos estão entrelaçados de tal forma na obra de Nelson que esta se confunde em cada um deles, como podemos atestar em relação à sua formação religiosa. Francisco Carneiro da Cunha, um dos dramaturgos que se especializou na obra de Nelson Rodrigues, diz que há em Nelson Rodrigues um forte sentido religioso e mítico (CUNHA, 2000/p. 13):

Depois da publicação de “O anjo pornográfico” em 1992, sua biografia escrita por Ruy Castro, e da publicação de todas as suas crônicas nos anos seguintes, ninguém mais pode duvidar da importância do drama da Paixão na formação do poeta que nasceu e cresceu num forte ambiente religioso. Sua mãe foi *batista praticante* e o pai obrigado a *fazer-se pastor* (batista) para casar, ao passo que suas *tias católicas e protestantes o doutrinavam sem cessar* e por isso aparecem em suas peças como *pacas*.

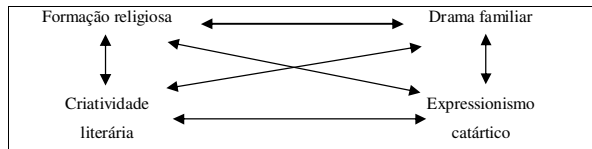
A religião, como conjunto de crenças e atitudes de negação de si e exaltação do outro maior que si-mesmo, faz parte da obra de Nelson Rodrigues. Nas palavras de Francisco Carneiro da Cunha (CUNHA, 2000/ p. 13):

Aos dez anos Nélsom Rodrigues já escrevia a estória de uma adúltera (Madalena) assassinada pelo marido (Jesus) que, em seguida, ajoelhado e contrito, pede perdão à morta enquanto o amante (Satanás) foge na escuridão da noite. Redação que lhe deu o primeiro lugar na classe deixando boquiabertas sua professora e sua mãe e na qual já estão presentes todos os arquétipos evangélicos de seus futuros dramas.

Outro componente importante para entendermos Nelson Rodrigues está na história de vida do autor. Comentando o absurdo da vida de Nelson, Sábato Magaldi (1992/p. 68) nos diz que:

O dramaturgo não esconde que o sentimento de pessimismo e absurdo se fincou nele a partir do assassinio do irmão, excelente desenhista, Roberto Rodrigues. Uma mulher entrou na redação do jornal de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues, perguntando por ele. Na ausência, ela falaria com qualquer filho. Introduzida a Roberto, matou-o a tiros, como poderia ter feito com o próprio Nelson. Não importam as razões que determinaram a criminosa a despejar no filho a ira contra o pai. O ato em si, carregado de absurdo, sublinhando o efêmero de qualquer projeto de vida. Mário, apaixonado pela morte de Roberto, sobreviveu-lhe dois meses. Esses episódios, semelhantes ao arbítrio implacável do destino, na tragédia grega, dariam o substrato do escuro pensamento do escritor. No julgamento da criminosa, mobilizou-se a favor dela a opinião pública. Absolveu-a o veredicto do júri. ... (para Nelson) tornaram-se culpados todos os que justificaram o assassinio.

Por esta razão, elencamos aqui os elementos constitutivos para o pré-entendimento de Nelson Rodrigues:



Estes elementos têm forte apelo psicológico e necessitam ser examinados por este prisma.

Concorda com isso a Dra Maria Georgina Albuquerque (2001/p. 01) quando diz que:

A Psicanálise tornou clara a idéia de que a repressão dos anseios mais primitivos do homem surgiu decorrente das regras do jogo social. Em Totem e Tabu (1912-1913), Freud refere-se

justamente a essa questão do controle social dos impulsos, concluindo que o homem nunca internaliza completamente a interdição. Daí consiste a necessidade de o grupo social criar um sistema interno que garanta sua ordem interna, decorrendo disso o conflito de duas grandes forças que são o desejo de violação das normas instituídas e o recalque do desejo por uma questão de imposição social. O estudo deveu-se ao interesse de Freud pela Antropologia, assim como pela inter-relação entre a civilização e a repressão dos instintos. Em Álbum de Família, emergem os recônditos impulsos da natureza humana, dentre eles o incestuoso. Nelson Rodrigues não se afasta de um cunho moralizador, ao contrário do que possa aparentar uma visão superficial equivocada.

A psicanálise, de orientação freudiana, apresenta o princípio de vida (que tem sua base primordial nos desejos sexuais) e a sua rejeição pela sociedade (consciente e inconsciente). O homem, neste contexto, é sempre um ser em conflito com o seu meio social e suas demandas. O conflito é a marca do teatro e da obra rodriguiana. Além disso, Sábato Magaldi (1979/p. 01) nos diz que esta era a atmosfera da obra de Nelson Rodrigues:

Os três planos do texto – realidade, memória e alucinação – privilegiaram o subconsciente da heroína, novidade num teatro que ainda se movimentava na psicologia tradicional. A *Mulher Sem Pecado* (1941), que lançou o autor, já estava prestes a romper a censura do consciente. Se *Vestido de Noiva* é a projeção exterior da mente da protagonista, o monólogo *Valsa nº 6* (1951) incorpora o mundo exterior ao desempenho da heroína, que encarna em cena as personagens de seu convívio.

A irracionalidade comanda os atos das personagens de Nelson, movidas pelo desejo desenfreado e autodestrutivo. Portanto, utilizaremos o princípio de desejo (pulsão) e repressão (recalque), instintos de vida e instintos de morte, conforme a clássica teoria freudiana, para analisar a obra de Nelson Rodrigues, tendo como objetivo identificar o problema do Mal no mesmo.

## Prazer e Religião em Nelson Rodrigues

Nelson Rodrigues retrata sua obra com um mesmo tema recorrente. Para ele, era como uma pregação de um tema só. Eudínyr Fraga, (1998/p. 49) comentando a obra de Nelson, diz:

Nelson chamava a si próprio de flor de obsessão, expressão que se repetiu em livros, ensaios e artigos sobre ele, mas que poderia ser aplicada, da mesma forma, à análise da produção artística de um sem-número de pessoas, sem querer afirmar que todas trabalham, da mesma forma, o mesmo material. Poderíamos denominar o fenômeno unidade de pensamento.

Essa unidade de pensamento em Nelson é determinada por uma recorrência religiosa, como nos atesta Magaldi Sábato (1992/p. 21): “Nelson gostava de repetir que seu teatro era uma meditação sobre o amor e sobre a morte”. Este amor era a própria vida que se vivia em uma intensidade alucinante. Esta vida que se desfaz na morte está presente em todas as suas peças. Para uma noção desse tema recorrente, elencamos algumas das peças de Nelson:

PEÇA	TIPO DE VIOLÊNCIA
A mulher sem pecado	Morte
Vestido de noiva	Suicídio
Álbum de família	Assassinatos
Senhora dos afogados	Mortes e assassinatos
Dorotéia	Estrangulamentos
A falecida	Morte
Perdoa-me por me traíres	Morte

A morte é natural como a vida, ela é o fim da vida mas também libertação da mesma. Para Nelson, não pode haver vida sem esta ser uma trajetória obrigatória para a morte. Este é um dos temas recorrentes de Nelson, como nos atesta Sábato Magaldi (1992/p. 79):

Nelson vê no dilaceramento humano o caos, a desordem, a morte. Por isso a maioria de suas peças desfila assassínios e suicídios.

Mas, que vida é essa que leva para a morte? E por que mortes violentas e, em um sentido, punitivas e autopunitivas? Podemos buscar uma resposta no drama cristão de sentido e negação. Mais precisamente na fórmula cristã do sofrimento para a redenção: desejo, pecado, punição (Cf. uma leitura pietista de Tg 1.13-15). Sábato (1992/p. 30) vê claramente isso quando comenta:

A falta de auto-estima não transparece apenas nos atos extremos do suicídio. A cada momento, uma personagem necessita de punição.

A nós, torna-se claro aqui que Nelson revive em suas tramas o calvário do ser humano no drama da vida cristã. Ao desejar, comete o ser humano pecado. Ao pecar, vem a punição. Mas, em Nelson, a punição é também uma forma de redenção. Ao ser punido, de alguma forma, o ser se redime. Mas esta redenção não termina, pois novo ciclo de desejo irrompe e o drama recomeça. Por isso, novamente a peça se reinicia com outros nomes e situações, mas sempre o mesmo drama. Falando sobre isso, Francisco Carneiro da Cunha (2000/p. 15), citando Nelson Rodrigues, diz:

A ficção para ser purificadora tem de ser atroz. O personagem é vil para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós. E no teatro que é mais plástico, direto e de um impacto tão mais puro esse fenômeno de transparência torna-se mais válido. Para salvar a platéia é preciso encher o palco de assassinos, adúlteros e insanos, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros íntimos dos quais eventualmente nos libertamos para em seguida recriá-los em cena novamente.

O drama de Nelson é o drama cristão. Nelson busca a redenção, pois vida é desejo (sexual) e desejo é intolerável na sociedade (expressa na família cristã-burguesa). O outro é objeto sempre proibido. Sábato (1992/p. 67) comenta:

Tendo recebido a formação cristã de classe média urbana brasileira, o dramaturgo preservou até o fim a crença na divindade e em preceitos morais básicos. A dificuldade de observar esses preceitos aguçava a loucura. Na terra o homem vive o desregramento de uma unidade perdida, inconsolável órfão de Deus. Há um deblaterar insano em terreno hostil. Resta o sentimento permanente de logro. A vida prega uma peça em todo mundo.

Esquemáticamente, poderíamos assim representar:



Nas peças temos o adultério, o incesto, a traição, o homossexualismo, a perversidade, o estupro, enfim, o desejo da libido que se projeta no outro tornando-o objeto e não-pessoa, mas escravizando aquele que deseja e assim desumanizando-o. Nesta relação doentia existe a necessidade de redenção e esta vem pela punição (ou auto-punição). Novamente nos valem da lista de peças elencadas anteriormente para podermos demonstrar esta temática:

PEÇA	TIPO DE PUNIÇÃO
A mulher sem pecado	O protagonista se mata para redimir-se do sentimento de culpa.
Vestido de noiva	A protagonista se atira em frente a um carro.
Álbum de família	Automutilação e morte como forma de expiação.
Senhora dos afogados	Suicídio.
Dorotéia	Suicídios.
A falecida	Morte como escape glorioso.
Perdoa-me por me traíres	Suicídio imposto.

Desta forma, as personagens se punem ou são punidas por seus objetos (não-seres). Esta punição é consentida ou mesmo requerida na medida em que a trama é na realidade um jogo psicológico que ocorre entre as personagens. Podemos atestar isso quando Sábato

Magaldi diz (1992/p. 190): “Em qualquer de suas fases, o teatro rodriguiano importa em violenta catarse”.

Esta catarse ocorre no seio familiar. Em todas as peças e obras, é na família que ocorre o drama primordial para Nelson. Como na psicanálise freudiana, a família é o berço da primeira tragédia (o complexo de Édipo). Para Nelson, a família é o útero das alucinações e da trajetória cristã (desejo, pecado, punição/redenção).

## Conclusão

Vivenciar Nelson é enxergar através de um espelho de carne. Nele estão contidas as mazelas de nós mesmos e do mundo disfarçado em sociedade e família. A vida só pode ser entendida a partir de seus desejos e vivenciá-los é um ato religioso. A vida que nos dá prazer, nos mata para que possamos nos redimir dela mesma. O calvário é nossa vida e nossa vida é o próprio ato religioso de desejo, pecado e redenção. Devemos vivenciar o calvário da vida que leva para a morte buscando a redenção. Nelson concordaria com o apóstolo Paulo ao dizer: Miserável homem que eu sou!

## Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Maria. *Freud x Nelson Rodrigues*. Artigo on line, 2001. Disponível em <http://www.usinadeletras.com.br>. Acessado em 06/09/2002.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico Co. A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- CUNHA, Francisco Carneiro. *Nelson Rodrigues, Evangelista*. São Paulo, Giordano, 2000.
- GUIDARINI, Mário. *Nelson Rodrigues: flor de obsessão*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Vol I. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2000.

- LINS, Ronaldo Lima. *O teatro de Nelson Rodrigues: uma realidade em agonia*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- LUCKESI, Elizabeth. *O propósito instrutivo dos autos*. Monografia de Mestrado, Universidade de Jaú, São Paulo, 2001. Acessível em <http://cristina.fjaunet.com.br/monografias>. Acessado em 01/09/2002.
- MAGALDI, Sábato Antônio. *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. 2<sup>a</sup>. Ed. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- MARTUSCELLO, Carmine. *O teatro de Nelson Rodrigues – uma leitura psicanalítica*. São Paulo, Siciliano, 1993.
- MURPHY, Tom. As Últimas palavras de Nelson Rodrigues. A última entrevista de Nelson Rodrigues. *Jornal O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1980, dez.